

V Congresso Português de Sociologia.

Texto da Comunicação sobre Análise de Conteúdo  
e Análise Crítica do Discurso

Maria Zara Pinto Coelho

Departamento de Ciências da Comunicação

Universidade do Minho

[zara@ics.uminho.pt](mailto:zara@ics.uminho.pt)

“Análise do Conteúdo *versus* Análise Crítica do Discurso: algumas semelhanças e diferenças”

OBJECTIVOS E MOTIVOS DA COMUNICAÇÃO

# O que pretendo fazer nesta comunicação?

- Sem pretender ser exaustiva, pretendo evidenciar alguns aspectos teóricos e práticos que aproximam e diferenciam (em especial estes últimos) a análise de conteúdo (AC) e a Análise crítica do discurso.
- Pretendo assim contribuir (ainda que minimamente) para reduzir o risco de se meter tudo no mesmo saco, seja designar tudo de análise de conteúdo de massas), seja tudo designar de análise de discurso. Separemos pois as águas, tendo em vista sobretudo facilitar a compreensão dos ouvintes.
- Dados os desenvolvimentos recentes da análise de conteúdo, que traduzem uma tendência mais qualitativa, e incluem um uso mais aprofundado dos conhecimentos produzidos pela análise do discurso (Titscher *et al.* 2000), e dada ainda a diversidade característica da ACD, importa sublinhar que este exercício de confronto pretende apenas funcionar como um motivo para reflexões mais aprofundadas.
- Não pretendo conduzir os ouvintes a um fim. De facto, trata-se de abordar nesta curta comunicação duas áreas de conhecimento sobre as quais existe uma vasta amplitude de estudos, publicações e pesquisas. E de continuar um exercício já iniciado por outros (ver por exemplo, Capelle, Melo e Gonçalves 2004).

## Razões na base desta reflexão

- As minhas práticas de investigação no domínio da comunicação (mediática e interpessoal) e o percurso que fui fazendo.
- A insatisfação e experiência das fragilidades e limitações teóricas e metodológicas da análise de conteúdo.
- Invertendo a frase de Lasswell que diz que “a análise de conteúdo deve começar onde os modos tradicionais de investigação acabam” (*cit. in* Bardin, 1979: 13), não serei o único caso em que a análise do discurso começou precisamente onde acabou a análise de conteúdo (e.g., Alves, 2000).
- No âmbito da investigação que conduziu à tese de doutoramento, mergulhei a fundo nessa forma de fazer análise do discurso que se auto-intitula de crítica. Uma forma de fazer análise de discurso com uma “atitude” (van Dijk , 2000), quer dizer, com sentido de responsabilidade e empenhamento na justiça social.
- É por assim dizer uma forma de estudar o discurso com uma consciência e causa, a de revelar a forma como a linguagem é usada e abusada na produção e reprodução do poder e da desigualdade social, fazendo-o sempre que possível a partir da perspectiva dos oprimidos (Fairclough e Wodak, 1997).

# Campos de acção distintos

## Analise de Conteúdo:

- E aplicável, como diz L. Bardin (1979:39), a qualquer tipo de comunicação.

## Analise Critica do Discurso:

- Forma um campo de estudo autónomo, com um objecto, teorias e métodos específicos.
- As áreas de aplicação potenciais compreendem todas as relações e temas relevantes para a análise das relações entre poder social e discurso. Embora não exclua outras possibilidades, tende a optar por uma análise do tipo “cima para baixo” das relações de poder (van Dijk, 1993).
- Define explicitamente e defende a sua posição sociopolítica e os interesses emancipatórios que a motivam.
- Como princípio o analista crítico do discurso está mais interessado nas implicações e consequências que um determinado discurso pode ter para as minorias sem poder do que com as intenções dos falantes (van Dijk, 1997). Isto significa que deve levar a sério o ponto de vista, experiências e conhecimento prático dessas minorias, sempre que possível, e que o conhecimento produzido visa satisfazer esse critério de solidariedade.
- Por conseguinte, enquadra-se num tipo de tradição científica avessa à tradição positivista que dita os critérios de qualidade da análise de conteúdo clássica (Titscher *et al* 2000, Taylor, 2001), considerando que o conhecimento produzido pelas análises é parcial, situado e relativo.

# Objecto de análise

- Análise de conteúdo quantitativa clássica analisa o texto
- A análise crítica analisa o discurso

## Análise de conteúdo:

- vê o texto como um produto acabado, como um dado, como algo de imóvel; unidade do mesmo tipo da unidade das frases mas maior. Tem uma visão formal do texto.

## ACD

- O texto constitui apenas a parte visível de um processo comunicativo complexo de produção e de compreensão que é interactivo por natureza, e que ocorre numa situação concreta e numa sociedade e cultura.
- Analisa o texto como parte integrante de uma (inter)acção específica, dinâmica e em tempo real, interacção essa que por sua vez pode fazer parte de uma determinada prática, estrutura ou processo social mais complexo.
- Analisar o discurso significa, portanto, analisar o texto em contexto. Ou seja, significa analisar as relações entre estas duas dimensões do discurso.

# Concepções de comunicação e linguagem

## **Comunicação como transmissão de significados / Comunicação como Acção e interacção social em contexto; Linguagem como um meio transparente / Linguagem como sendo constitutiva**

### Análise de conteúdo:

- A “comunicação como um transporte de significações de um emissor para um receptor” (Bardin, 1979: 32),
- A linguagem como um instrumento preciso, que é usado para agarrar um significado preciso, completamente integrado no texto.
- O texto, na essência, *contem* o significado intencionado pelo locutor. Isto convida-nos a pensar os significados como sendo algo de inerente ao texto em si, ou às frases ou palavras que o compõem.
- É postulado que há um conjunto de significados comuns entre os interlocutores, e que os significados que os receptores captam podem ser recuperados a partir de conteúdos específicos. Assim, o texto é desmembrado, e o significado é depois extraído do artefacto textual pelo analista.
- Tipicamente na análise categorial a prática consiste em extrair frases que pertencem a um certo tema de um só documento ou de vários, e depois justapor estas frases, construir um retrato das coisas que parecem estar agrupadas aos olhos do investigador com base no conteúdo referencial, descontextualizado. Isto deriva de se considerar o texto como uma espécie de contentor para a informação.

# Concepções de comunicação e linguagem

- Quer dizer que o texto se torna o alvo da análise e às vezes a única fonte de informação que é usado para explicar o sentido do mesmo, ou para inferir sobre uma outra realidade (relativa à situação da comunicação) que não a do texto.

## ACD:

- Sublinha as dimensões interactiva e contextual do acto de comunicar.
- Considera que a linguagem e o uso que dela fazemos não são um meio neutro de que nos servimos para comunicar as nossas impressões, crenças e opiniões numa determinada situação, mas sim partes activas e constitutivas desses processos cognitivos e práticas sociais.
- Uma vez que adoptamos esta posição, deixamos de poder considerar, como acontece tipicamente na análise de conteúdo, que o texto constitui apenas uma fonte de dados sobre outros aspectos da nossa vida, ou seja, deixamos de poder tratar a linguagem como exclusivamente referencial.
- Quando falamos fazemos referências, é certo, mas também nos ocupamos com tarefas não referenciais como são as de controlar as relações com outros envolvidos na interacção e a de construir identidades para nós e para os outros (Alves, 2001; Moisés, 2001).
- Separar os traços textuais ou actos comunicativos dos contextos interaccionais em que foram produzidos, significa que perdemos de vista os factores interpessoais e sociais que os motivaram.

# Concepções de comunicação e linguagem

## ACD:

- Presta atenção ao que é dito, mas também ao modo *como é dito* e à forma *como tal se encaixa* no fluir global do evento comunicativo, analisando o que as pessoas dizem em relação ao que estão a fazer ou seja, não esquece que o texto é sempre concebido por aqueles que o produzem para o contexto em que ocorre, o que não se faz na análise de conteúdo.
- Não considera que os dados, na forma de entrevistas ou de artigos da imprensa são simplesmente dados, mas também discurso, quer dizer, uma forma de linguagem com certas características que são ditadas pelo modo como a linguagem e a comunicação funcionam em determinadas instâncias e contextos.
- Nesse sentido, considera que o significado não se pode separar das formas, e os dois dos propósitos que são chamados a servir num determinado texto ou interacção num contexto do mundo real. Assim, vê a linguagem como uma forma de agir sobre o mundo e sobre os outros, e não como um domínio em que nada se faz.
- Por isso, defende o estudo detalhado das estruturas do texto e das suas funções interaccionais e sociais, ao contrario da análise de conteúdo quantitativa.

# Produção do sentido

## Analise de Conteúdo:

- O texto encerra em si mesmo o seu conteúdo, ou seja, o seu sentido, a sua significância.
- . Pretende identificar o conteúdo ou significações a partir apenas da sua manifestação linguística, ou seja inferir o que se quis dizer numa determinada situação apenas com base no que se disse.
- Pretende derivar *directamente* a partir dos traços formais linguísticos e da sua frequência ou co-ocorrência dados de ordem psicológica, sociológica, política ou outra, relativos às chamadas condições de produção ou recepção (Bardin 1979: 42.) que determinaram essas características.

## ACD:

- O conteúdo ou sentido “não é o que existe dentro texto” (Hiernaux *et al* 1997: 157), nem é produzido só pelo falante, nem só pelo ouvinte, mas resulta de uma interacção contextualizada, de uma negociação dinâmica, que envolve os recursos cognitivos que o analista/leitor traz para a sua interpretação e o que está (e também não está, mas poderia estar) de forma mais ou menos explícita num texto que se inscreve num determinado género, e que surge numa determinada situação social.
- Uma metáfora que nos poderá ajudar a compreender este processo de co-construção do sentido, é a metáfora de discurso como um icebergue, ou como um *blueprint* (Tomlin *et al* , 1997)

# Produção do sentido

## ACD:

- O texto contém pouco ou nenhum significado *per se*, mas serve por convenção para guiar o ouvinte na construção de um edifício conceptual. Nesse sentido, fornece pistas na base das quais o leitor pode trabalhar, não sendo no entanto a única fonte de informação usada pelo mesmo para compreender o que o locutor quis dizer. Na verdade, o leitor ou ouvinte usa toda a informação ao seu dispor para atribuir sentido ao discurso.
- nesse processo é determinante a representação que os interlocutores têm do contexto em que se desenrola a interacção, nomeadamente a representação que fazem de si próprios, dos papéis, propósitos ou finalidades mútuas, do tipo de relações sociais em jogo, do quadro espacial e temporal em que se desenrola a interacção verbal, da série de textos e discursos em que o texto se inscreve, etc.
- A determinação de qual é considerada a informação temática ou mais importante pelos interlocutores está muito ligada a estes objectivos mais globais de natureza retórica. Para além desta informação, que é dinâmica, o leitor usa elementos das crenças, opiniões e atitudes que já tinha antes de ter começado a comunicar.

## Produção do sentido

### ACD:

- As pessoas não consomem textos de uma forma passiva, mas processam-nos em modos pragmáticos normais, inferindo significados, que não foram ditos explicitamente.
- Simplificando, a informação linguística dá-nos pistas para procurar inferências relevantes, mas as inferências que fazemos dependem das assunções, do conhecimento, das crenças, opiniões, ideologias sociais ou políticas que trazemos para a interpretação, inclusive do conhecimento que temos acerca do saber-dizer, das convenções relativas a situações comunicativas específicas (ou géneros de discurso, ver Fairclough, 1989).
- Como os leitores ou ouvintes não vêm para a tarefa de tirar inferências com assunções e conhecimento ou opiniões idênticas, as suas interpretações podem divergir. Nem se pode dizer que qualquer uma das suas interpretações seja a interpretação definitiva e última.

# Procedimentos adequados

## Análise de conteúdo:

- Parte da descrição das características do texto para a inferência relativa às condições de produção (causas ou antecedentes das mensagens) ou às condições de recepção (possíveis efeitos das mensagens).

## Análise crítica do discurso

- Começa com alguma representação da prática social em que o discurso está inserido. O analista tem consciência de que a sua actividade interpretativa, tal como de um interprete leigo, depende da forma como ele representa a situação comunicativa e social de que o texto é parte. Esta representação pode afectar a interpretação do texto.
- Mas também sabe que a interpretação do contexto é em parte baseada na interpretação do texto e pode mudar no curso dessa interpretação para qualquer um dos participantes.
- Esta sensibilidade à forma como a interpretação pode variar no tempo e entre participantes tem consequências radicais na forma como o analista se vê a si próprio e na relação que estabelece com o objecto.

# Posição do analista

## Analise de conteúdo

- A descrição esta separada da interpretação; o analista e um um observador neutral e os resultados da sua análise podem ser reproduzidos por outro analista e que de alguma forma são universais.

## ACD

- o analista crítico do discurso não se vê a si próprio como estando fora da análise que faz, mas considera que está dentro dela (Fairclough, 1992: 1999).
- Sabe que o discurso da sua análise não é uma mera representação do que se passa na interacção discursiva, mas antes um acto e uma intervenção (Fraser 1989).
- Reconhece portanto a reflexividade do processo de investigação e a não neutralidade dos textos que dela resultam. Nessa medida, o que produz são interpretações necessariamente parciais, situadas e contingentes.
- Procura sempre que possível fazer essa interpretação partindo do ponto de vista daqueles que têm mais a perder com o exercício da dominação discursiva, e claro, torna explícito os valores de que parte, a sua posição política, abrindo-os assim ao debate.

# Validação dos resultados na ACD

## Risco de viés e de circularidade:

- Widdowson (1995, 2000), da Linguística aplicada, diz o que estes analistas fazem é criar um contexto que depois regula a interpretação dos traços formais como sendo a apropriada.
- Agem como os linguistas formais, consultam a primeira pessoa, como se ela fosse representativa de toda gente. Substituem portanto uma leitura parcial por outra que serve a sua agenda política. Apesar de reconhecerem teoricamente que diferentes condições contextuais dão lugar a diferentes discursos derivados do mesmo texto e assim a natureza aberta do significado.
- Widdowson, e também Schegloff (1991) da análise conversacional, defendem que o procedimento correcto será privilegiar as interpretações endógenas dos participantes na interacção. O que uma frase quer dizer é o que os participantes querem dizer com ela, e o que eles querem dizer evidencia-se na resposta que eles dão à mesma. A contextualização é provada através do que os participantes dizem ou fazem. Mas quando o texto que está a ser analisado foi composto para ser apresentado a uma audiência de massas, o analista não encontrará nesse texto qualquer prova do modo como a audiência o vai compreender.
- Neste aspecto, a ACD e a análise de conteúdo parecem partilhar de um mesmo problema ou do mesmo tipo de limitação, para o qual Umberto Eco chamou a atenção já em 1979, ao sublinhar a importância dos subcódigos culturais e das descodificações aberrantes: de facto, tanto a ACD quanto a análise de conteúdo não permitem aceder aos efeitos que um determinado texto ou conjunto de textos têm na realidade.

- Se é verdade que a ACD sublinha o poder constitutivo do discurso, a performatividade dos textos, por exemplo ao nível dos seus efeitos ideológicos, por outro lado também sublinha que essa causalidade não é directa nem linear, porque há muitas condições contextuais, materiais e não materiais, de natureza micro e macro que determinam se textos particulares como partes de eventos particulares têm de facto esses efeitos.
- Isto significa que uma análise do texto per se não basta, e que há necessidade de criar quadros teóricos de natureza interdisciplinar que integrem a possibilidade de explorar as relações mutuamente constitutivas entre texto, processos de produção e compreensão dos mesmos, e as práticas sociais em que ocorrem.
- Apesar das críticas tecidas à ACD, temos de reconhecer os seus trunfos relativamente à Análise de conteúdo: se como diz Laurence Bardin, a orientação recente da AC se distingue pela sua preocupação de inferência, não nos oferece qualquer teoria que permite explicar essas relações, o modo de funcionamento das articulações entre texto e contextos: o que incluir, o que excluir, tanto ao nível dos traços textuais como ao nível contextual, e como explicar essas relações.

- O desenvolvimento destas teorias não resolve o problema da validade da interpretação, tanto mais que se postula o princípio da relatividade das estratégias linguísticas, ou seja, de que as funções e efeitos das formas linguísticas variam segundo os contextos (Cameron, 2001).
- Pode sempre argumentar que uma vez que os textos podem apoiar uma variedade infinita de leituras, e que não temos um acesso independente às intenções dos produtores dos textos, então é impossível “provar” usando as ferramentas da análise do discurso que um determinado texto constitui um exemplo de determinada posição ideológica.
- Como já vários autores (e.g. Brundson 1990; Thomas, 1995) sublinharam, apesar das leituras o texto limita rigorosamente o campo das suas interpretações, o que o leitor pode fazer com ele. Portanto, não podemos dizer que as interpretações propostas pelo analista resultam apenas da cabeça dele, ou que é tudo uma questão de opinião.
- contrariamente à análise do conteúdo, o analista crítico do discurso presta atenção detalhada e sistemática ao texto completo, e procura detectar se no texto há provas linguísticas que evidenciem posições contraditórias, ou seja, que ofereçam a possibilidade de várias interpretações, e assim a possibilidade de derivar vários discursos a partir de um só texto.
- Quando assim é, o analista tem de considerar os efeitos dessa justaposição e de ver se há algum quadro interpretativo dominante, ou como diz Stuart Hall (Hall, 2001), tem de decidir sobre o significado preferencial, os significados no texto que um determinado autor quer privilegiar, ou agarrar e fixar. Para isso pode utilizar por exemplo, o conhecimento que tem acerca das características gerais do género do discurso em que o texto se inscreve, ou mais globalmente da ordem de discurso em que o mesmo se inscreve.

- Podem ser de vária ordem, de natureza semiótica e não semiótica portanto, os argumentos aduzidos para justificar uma determinada interpretação, para mostrar que o leitor ideal que o analista criou não é uma mera invenção conveniente (Taylor, 2001).
- Mas isso é diferente de dizer e de “provar” de que todos ou a maior parte dos receptores o vão interpretar dessa maneira, de que há uma correspondência entre o leitor ideal e o leitor actual de um determinado texto. Por isso, o analista crítico de discurso reconhece a necessidade de complementar a análise textual com a análise das práticas de recepção dos textos, bem como da sua produção.
- Além disso, sabe também que o conhecimento que produz é necessariamente parcial e depende de uma perspectiva particular.
- O potencial da ACD reside precisamente em chamar a atenção dos leitores para as condições contextuais que dão lugar a interpretações do discurso e para natureza indeterminada e fluida do significado, como e que podemos derivar diferentes discursos de um mesmo texto, chamando portanto a atenção para a natureza interaccional da comunicação que ‘é posta de lado na Análise de conteúdo.